UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA LUÍSA DA ROCHA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA E PRIMEIROS SOCORROS: FORMAÇÃO PREVENTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

BRASÍLIA
2025

MARIA LUÍSA DA ROCHA SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA E PRIMEIROS SOCORROS: FORMAÇÃO PREVENTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Orientador(a): Glauco Falcão de Araújo Filho.

BRASÍLIA

2025

MEMORIAL

A minha inspiração para escolher o tema Educação Física e Primeiros Socorros nasce da vida e das experiências que me transformaram antes mesmo de eu entender completamente quem eu era. Fui mãe aos 16 anos, ainda no segundo ano do Ensino Médio. Enquanto muitos colegas viviam um tempo leve de descobertas, eu aprendia, de forma precoce e intensa, o peso das responsabilidades, o cuidado diário e o amor que chega antes de qualquer preparo emocional.

Naquele momento, eu não compreendia a importância real dos primeiros socorros. Eu simplesmente não sabia o valor desse conhecimento. Hoje, olhando para trás, percebo o quanto eu estava despreparada para lidar com uma situação de emergência e o quanto esse preparo teria me dado mais segurança, tranquilidade e maturidade como mãe.

Com o passar do tempo, a vida voltou a me ensinar, dessa vez de maneira ainda mais concreta. Minha sobrinha nasceu recentemente, e a mãe dela, minha cunhada, também foi mãe aos 16 anos, como eu. Vivemos juntas episódios delicados, tanto no hospital quanto em casa, em que a bebê se engasgou. Em algumas dessas situações, precisei intervir e realizar manobras para desengasgar. Foram momentos que me marcaram profundamente, porque mostraram, na prática, o quanto o conhecimento pode salvar uma vida e o quanto é doloroso estar despreparado em situações tão urgentes. Percebi também a insegurança e o medo da minha cunhada, e entendi o quanto jovens mães como eu fui precisam de apoio e orientação para agir com segurança.

Nessa caminhada, reconheço que nada teria sido possível de forma tão firme e, ao mesmo tempo, tão leve, sem o apoio da minha mãe. Ela é parte fundamental da minha trajetória: me ajuda com meus filhos, me incentiva diariamente a continuar estudando e acredita no meu potencial mesmo quando eu duvido de mim. Sua força e seu cuidado são pilares que sustentam minha formação, meu amadurecimento e minha permanência na universidade.

Minhas maiores inspirações são meus filhos, Murilo e Elisa. É por eles que busco crescer, desenvolver responsabilidade e continuar estudando. Foram eles que, desde cedo, me ensinaram a enxergar o mundo com mais maturidade, dedicação e coragem. Cada passo que dou seja na vida pessoal, acadêmica ou profissional é

atravessado pelo desejo de oferecer a eles um futuro melhor e de ser exemplo de resiliência e determinação.

Quando penso nos estudantes do Ensino Médio, lembro da jovem que eu era. Muitos deles, especialmente na escola pública, cuidam de irmãos, primos, sobrinhos, vizinhos. Muitos lidam com situações de risco sem preparo algum. Outros passam por emergências e precisam agir sozinhos. E eu vejo o quanto seria importante que esses jovens tivessem acesso ao conhecimento que eu só descobri depois: o valor dos primeiros socorros, da prevenção e da capacidade de agir com calma e responsabilidade.

A inspiração do meu tema é, portanto, a vida que pulsa ao meu redor: meus filhos, que me movem, minha mãe, que me sustenta e toda a minha família, que torce pelo meu crescimento e me fortalece a seguir em frente, sempre buscando ser melhor. É por todos eles que escolhi esse tema, por amor, por responsabilidade e pelo desejo de que ninguém enfrente uma emergência sem saber como agir.

RESUMO

Este estudo buscou compreender o papel do professor de Educação Física na formação preventiva de estudantes do Ensino Médio em primeiros socorros, destacando a importância da educação para a prevenção de acidentes e a promoção da autonomia em situações de emergência. A pesquisa, de abordagem mista (qualitativa e quantitativa), foi realizada com 56 alunos do 1º ano do Centro de Ensino Médio 01 do Gama – DF, por meio de dinâmicas práticas, questionários e simulações com bonecos. Os resultados indicam que 83,9% dos participantes nunca haviam recebido treinamento em primeiros socorros, embora 100% reconheçam a importância do tema e 92,9% afirmem que se sentiriam mais seguros ao adquirir esses conhecimentos. Observou-se, ainda, que o engasgo é a situação mais comum vivenciada pelos estudantes em contextos domésticos ou escolares, evidenciando a necessidade de ensino sistemático. A intervenção prática demonstrou alto engajamento, apesar de equívocos iniciais, por parte dos estudantes, reforçando que metodologias ativas e contextualizadas potencializam a aprendizagem. Conclui-se que a atuação do professor de Educação Física, aliada à formação continuada, é essencial para consolidar uma cultura de prevenção nas escolas, promovendo segurança, responsabilidade social e preparo para emergências. Recomenda-se a integração contínua de conteúdos de primeiros socorros ao currículo de Educação Física, por meio de práticas periódicas, eventos escolares e atividades interdisciplinares, fortalecendo a autonomia e a cidadania dos estudantes.

Palavras-chave: Primeiros socorros. Educação Física escolar. Prevenção. Estudantes. Metodologias ativas.

ABSTRAC

This study aimed to understand the role of Physical Education teachers in the preventive training of high school students in first aid, highlighting the importance of education for accident prevention and the promotion of autonomy in emergency situations. The research, conducted using a mixed-methods approach (qualitative and quantitative), involved 56 first-year students from Centro de Ensino Médio 01 in Gama – DF, through practical activities, questionnaires, and mannequin-based simulations. The results indicate that 83.9% of the participants had never received first aid training, although 100% recognized the importance of the topic and 92.9% stated that they would feel more confident after acquiring such knowledge. It was also observed that choking is the most common situation experienced by students in domestic or school contexts, demonstrating the need for systematic education. The practical intervention showed high engagement, despite initial misconceptions from students, reinforcing that active and contextualized methodologies enhance learning. It is concluded that the role of the Physical Education teacher, combined with continued professional development, is essential to consolidate a culture of prevention in schools, promoting safety, social responsibility, and preparedness for emergencies. It is recommended that first aid content be continuously integrated into the Physical Education curriculum, through periodic practical sessions, school events, and interdisciplinary activities, strengthening students' autonomy and citizenship.

Keywords: First Aid. School Physical Education. Prevention. Students. Active Methodologies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....8

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....13

2.1 Educação física e formação integral.....13

2.2 Prevenção e ambiente escolar.....13

2.3 Lei Lucas e a cultura da prevenção.....15

3. METODOLOGIA.....11

3.1 Delimitação do estudo e participantes 17

3.2 Instrumentos de coleta de dados 17

3.2.1 Dinâmicas pedagógicas.....17

3.2.2 Questionário.....17

3.3 Procedimentos de coleta de dados.....18

3.4 Aspectos éticos.....18

4. EXPERIÊNCIA DE CAMPO, RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS....20

4.1 Descrição da experiência de campo.....20

4.2 Resultados dos questionários.....24

4.3 Analise de dados.....26

5. CONCLUSÃO.....32

6. PROPOSTA PEDAGÓGICA INTEGRADA.....37

6.1 Inserção curricular periódica..... 37

6.2 Evento anual de saúde e prevenção.....37

6.2.1 Resultados esperados.....37

6.2.2 Considerações finais da proposta 38

7. REFERÊNCIAS.....39

APÊNDICE A.....42

APÊNDICE B.....45

APÊNDICE C.....46

1. INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação integral, deve oferecer não apenas conhecimentos curriculares, mas também condições para o desenvolvimento de habilidades voltadas à cidadania, à autonomia e ao cuidado com a vida. Nesse contexto, a construção de uma cultura preventiva assume papel fundamental, sobretudo em ambientes escolares caracterizados pela intensa circulação de pessoas e pela realização de atividades corporais, como ocorre nas aulas de Educação Física. A promulgação da Lei nº 13.722/2018, conhecida como Lei Lucas, reforça a urgência da inclusão de noções básicas de primeiros socorros na formação de profissionais da educação, ao estabelecer a obrigatoriedade da capacitação de professores e funcionários para atuação em situações de emergência (BRASIL, 2018).

A referida lei foi sancionada após a morte do estudante Lucas Begalli, de dez anos, durante um passeio escolar, em decorrência de um engasgo sem o devido atendimento imediato. O episódio evidenciou fragilidades na preparação dos profissionais da educação para lidar com situações emergenciais. A mobilização que culminou na criação da Lei Lucas foi impulsionada por sua mãe, Alessandra Begalli, que transformou a experiência da perda em uma luta por políticas públicas voltadas à prevenção e à proteção da vida no ambiente escolar. Segundo a Câmara dos Deputados (2018), essa legislação configura-se como uma importante medida preventiva, ao exigir formação adequada para atuação em situações de emergência e ao fortalecer uma cultura de cuidado e segurança no contexto escolar.

Diante desse cenário, emergem reflexões fundamentais: como preparar os estudantes para atuarem de maneira segura e responsável em situações de emergência? Qual é o papel da escola e, especificamente, do professor de Educação Física nesse processo formativo? Essas questões orientam a discussão inicial do tema e evidenciam a necessidade de ações educativas sistematizadas voltadas à prevenção.

No contexto escolar, o professor de Educação Física destaca-se como um agente estratégico na promoção da saúde e da segurança, uma vez que atua diretamente em atividades que envolvem esforço físico, movimento corporal e situações que podem expor os estudantes a riscos, como quedas, colisões, fadiga ou execução inadequada de movimentos. A identificação precoce dessas condições e a adoção de medidas preventivas contribuem para a construção de um ambiente

escolar mais seguro e educativo. Além disso, a escola configura-se como uma das principais instâncias formativas da sociedade, com significativa capilaridade social, sendo capaz de influenciar a aquisição de hábitos, atitudes e valores relacionados à saúde e à qualidade de vida.

Nesse sentido, a Educação Física constitui um componente curricular singular, por trabalhar a cultura corporal do movimento e contribuir para o desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais dos estudantes. Ao incorporar conteúdos relacionados à prevenção e aos primeiros socorros, essa área amplia seu potencial educativo, articulando conhecimentos teóricos e práticos que dialogam com situações reais do cotidiano escolar e familiar.

A relevância deste estudo fundamenta-se, portanto, na necessidade de capacitar adolescentes do Ensino Médio em noções básicas de primeiros socorros, considerando que esses estudantes frequentemente vivenciam situações de emergência no contexto familiar, escolar ou social. Ao desenvolver conhecimentos e atitudes preventivas, os estudantes tornam-se capazes de agir de forma segura e responsável, contribuindo para a redução de agravos e para a prevenção de acidentes, o que pode refletir positivamente, inclusive, no perfil epidemiológico brasileiro. Além disso, a inserção sistematizada dos primeiros socorros no contexto da Educação Física escolar fortalece a construção de uma cultura preventiva no ambiente educacional, ampliando a percepção de cuidado, segurança e responsabilidade coletiva.

Ao assumir o papel de mediador no ensino de primeiros socorros, o professor de Educação Física pode desenvolver práticas pedagógicas que incluam simulações de situações emergenciais, oficinas temáticas e ações interdisciplinares, favorecendo aprendizagens significativas. No Ensino Médio, essas práticas contribuem para o fortalecimento da autonomia dos estudantes e para a consolidação de uma cultura preventiva baseada na responsabilidade coletiva, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para essa etapa da educação básica.

Dados do Ministério da Saúde evidenciam a gravidade do problema no contexto social brasileiro. Segundo informações referentes ao ano de 2024, divulgadas pelo Correio Braziliense (2025), 456 crianças e adolescentes, com idades entre 0 e 19 anos, morreram no Brasil em decorrência de acidentes domésticos, sendo a maior parte relacionada a riscos acidentais à respiração. Esses dados demonstram a frequência e a gravidade de situações emergenciais que ocorrem, sobretudo, no

ambiente familiar, reforçando a importância de ações educativas preventivas desde o contexto escolar.

Diante dessa realidade, este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: como a ausência de uma cultura preventiva na sociedade impacta a formação dos estudantes para atuar em situações de emergência, e de que forma o professor de Educação Física pode contribuir para o fortalecimento dessa cultura no contexto escolar e familiar?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir socialmente para a implementação e o fortalecimento da cultura preventiva, por meio do engajamento do professor de Educação Física na abordagem de conteúdos de primeiros socorros no Ensino Médio, com foco na formação preventiva dos estudantes para a atuação em situações de emergência nos contextos escolar e familiar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Física e Formação Integral

A Educação Física escolar, ao longo de sua trajetória histórica, esteve fortemente associada à promoção da saúde, à prevenção de doenças e à disciplina dos corpos, sob influências higienistas e militaristas. Em seus primórdios, sua obrigatoriedade no contexto escolar esteve vinculada a interesses do Estado, sendo utilizada como instrumento de controle social e de formação de corpos considerados fortes, saudáveis e aptos a atender às demandas sociais e produtivas da época (SOARES et al., 1992). Nessa perspectiva, a área foi marcada por uma concepção predominantemente biologicista e normativa do corpo, priorizando o desenvolvimento físico e a disciplina em detrimento de uma abordagem pedagógica crítica. Conforme aponta Bracht (1997), essa orientação reduziu o potencial educativo da Educação Física, afastando-a de uma perspectiva emancipatória e reflexiva, o que passou a ser amplamente questionado a partir do avanço das discussões pedagógicas e educacionais no campo da Educação Física escolar.

Na contemporaneidade, a Educação Física é compreendida como um componente curricular que contribui para a formação integral dos estudantes, contemplando dimensões físicas, cognitivas, afetivas, sociais e culturais. Essa compreensão está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, que atribuem à Educação Física a responsabilidade de promover conhecimentos e práticas que favoreçam a cidadania, o respeito à diversidade, a autonomia e o cuidado com a saúde.

Autores da perspectiva crítica da Educação Física escolar, como Bracht, defendem que essa área do conhecimento deve superar uma abordagem meramente técnica ou esportivizada, assumindo um compromisso pedagógico com a formação humana e com a leitura crítica da realidade social. Para Bracht, a Educação Física escolar deve possibilitar aos estudantes a apropriação crítica da cultura corporal, compreendendo o movimento humano como expressão histórica, social e cultural, e não apenas como desempenho físico (BRACHT, 1999).

Nesse sentido, Gaum, Bracht e Almeida (2017) reforçam a importância de uma pedagogia crítica na Educação Física, capaz de empoderar os estudantes e de enfrentar desafios sociais contemporâneos por meio do diálogo, da reflexão e da problematização das práticas corporais. Essa abordagem amplia o papel da Educação Física na escola, permitindo que temas socialmente relevantes, como prevenção, saúde coletiva e primeiros socorros, sejam incorporados ao currículo de forma contextualizada e significativa.

A inserção de conteúdos relacionados aos primeiros socorros no âmbito da Educação Física escolar fortalece o compromisso da escola com a formação de sujeitos capazes de agir conscientemente diante de situações cotidianas que envolvem riscos à vida. Estudos apontam que intervenções teórico-práticas em primeiros socorros no ambiente escolar ampliam significativamente a capacidade dos estudantes de agir de maneira preventiva e segura em situações de emergência (MACIEL et al., 2021). De forma semelhante, Mesquita et al. (2017) destacam que o uso de recursos educativos lúdicos potencializa o processo de aprendizagem, favorecendo a compreensão e a internalização de medidas preventivas.

Assim, o professor de Educação Física, ao abordar noções básicas de prevenção e primeiros socorros, amplia seu papel educativo, transformando suas aulas em espaços que vão além do desenvolvimento motor, contribuindo também para a conscientização, a promoção da saúde e a segurança coletiva.

2.2 Prevenção e ambiente escolar

Mesmo durante as aulas de Educação Física escolar, é possível que os estudantes sofram lesões associadas às práticas corporais desenvolvidas em quadras e gramados (DEL VECCHIO et al., 2017). Esse cenário se soma ao fato de que o ambiente escolar, como espaço de intensa circulação de pessoas, envolve a interação diária entre crianças, adolescentes e adultos em atividades diversas que, por sua própria natureza, apresentam riscos potenciais. Diante disso, torna-se essencial que a escola esteja preparada para agir de forma imediata, eficiente e responsável em situações de emergência.

Ensinar e fortalecer uma cultura preventiva no espaço escolar é fundamental não apenas para a segurança dos estudantes, mas também para a formação de uma postura ética, empática e socialmente responsável. O conhecimento de primeiros socorros pode ser aplicado pelos estudantes em diferentes contextos de suas vidas, como no ambiente familiar, no cuidado com irmãos mais novos ou em situações sociais diversas. Além disso, o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 135, estabelece que qualquer pessoa tem o dever de prestar assistência, sempre que possível e sem risco pessoal, ou acionar ajuda adequada diante de uma situação de emergência.

Essa perspectiva dialoga diretamente com o conceito de Bem Viver, proposto por Acosta (2016), que enfatiza o cuidado coletivo, a solidariedade e a responsabilidade compartilhada como princípios fundamentais da vida em sociedade. Assim, a formação preventiva contribui para que os estudantes compreendam sua responsabilidade social diante de situações de risco e saibam agir de maneira segura, ética e comprometida com o outro.

O ensino de primeiros socorros promove a autonomia dos estudantes, desenvolve habilidades de gestão de crises e reforça valores como solidariedade, responsabilidade e empatia. A vivência prática de situações simuladas e o domínio de procedimentos básicos, como a desobstrução das vias aéreas, o controle de hemorragias e a identificação de sinais e sintomas de emergência, podem ser determinantes para reduzir agravos e preservar vidas até a chegada do atendimento especializado.

Dados recentes reforçam a urgência desse tipo de formação. Em 2024, 456 crianças e adolescentes, com idades entre 0 e 19 anos, morreram em decorrência de acidentes domésticos no Brasil, sendo 213 casos relacionados a riscos acidentais à respiração, como engasgo e sufocação Correio Braziliense (2025). Esses números evidenciam que situações emergenciais envolvendo jovens são frequentes e potencialmente fatais, o que reforça a importância de que as escolas incluam conteúdos preventivos e noções básicas de primeiros socorros em suas práticas educativas de forma sistematizada.

Nesse sentido, a escola deve ser compreendida como um espaço educativo que vai além do conteúdo formal, preparando os estudantes para atuarem como agentes ativos na proteção da vida em diferentes esferas sociais. A educação configura-se, assim, como uma importante aliada na prevenção de acidentes e na construção de uma sociedade mais consciente e solidária. Evidências desse processo podem ser observadas em situações nas quais crianças e adolescentes, a partir de conhecimentos adquiridos em ações educativas, tornam-se capazes de intervir de forma eficaz em emergências reais.

Um exemplo marcante ocorreu em 2020, quando um menino de dez anos salvou o irmão recém-nascido, de apenas dezessete dias de vida, que havia se engasgado com leite. Juan Rosoni Baldissera realizou a desobstrução das vias aéreas do caçula Dylan após participar de um programa de formação preventiva (Bombeiro Mirim). Ao relatar o ocorrido, afirmou: “Peguei ele, virei de cabeça pra baixo e comecei a dar uns tapinhas. Gritei bem alto, chamando a minha mãe, pra ela poder vir aqui, [mas] quando ela chegou ele já tinha desafogado” (G1, 2020). Casos como esse evidenciam que a cultura de prevenção, quando inserida desde cedo no processo formativo, possibilita que crianças e adolescentes não apenas cuidem de si, mas também atuem na preservação da vida de outras pessoas, reforçando o papel da escola e de projetos educativos na construção de uma sociedade mais preparada, solidária e comprometida com o cuidado coletivo.

2.3 Lei Lucas e a cultura da prevenção

A Lei nº 13.722/2018, conhecida como Lei Lucas, surgiu como resposta a um trágico episódio em que um aluno faleceu por asfixia durante uma atividade escolar, devido à falta de atendimento adequado. Lucas Begalli tinha apenas 10 anos quando perdeu a vida, em um passeio escolar quando comeu um cachorro quente e se engasgou com uma salsicha. Um incidente que poderia ter sido evitado, se tivesse pessoas com devidos conhecimentos. Essa legislação tornou obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros para professores e funcionários de estabelecimentos de ensino público e privado de educação básica.

A Lei Lucas representa um avanço significativo na promoção de uma cultura de prevenção dentro das escolas, ao reconhecer que o conhecimento básico de primeiros socorros é uma medida essencial de proteção à vida. A lei também contribui para que

a escola assuma uma postura proativa em relação à segurança de seus estudantes, e não apenas reativa diante de acidentes.

A implementação da Lei Lucas exige que os estabelecimentos de ensino promovam ações de formação continuada para seus profissionais e criem protocolos de atendimento a emergências. Nesse contexto, o professor de Educação Física ocupa uma posição estratégica, já que suas atividades cotidianas envolvem maior exposição a riscos físicos, tornando a aplicação dos primeiros socorros uma necessidade prática e constante.

Trabalhar Prevenção no Ensino Médio, especialmente com adolescentes que estão em fase de transição para a vida adulta, contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para agir de maneira segura e responsável em diferentes espaços sociais, fortalecendo o compromisso da escola com a preservação da vida. Lorenz e Tibeau (2003) nos acrescentam quanto à escolha deste conteúdo:

> A preferência dos estudantes pelo conteúdo Primeiros Socorros poderia ser esclarecida devido à utilização deste conteúdo pela vida inteira. São conhecimentos que possuem significado e o aluno leva para fora da escola. É muito importante o indivíduo saber como lidar com a situação em momentos específicos que podem apresentar perigo e que são determinantes. Lorenz e Tibeau (2003).

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório, configurando-se como uma pesquisa de campo, fundamentada na perspectiva da pesquisa-ação, conforme proposta por Thiollent (2011). Essa abordagem articula investigação e intervenção pedagógica, compreendendo os sujeitos participantes não apenas como informantes, mas como colaboradores ativos no processo de produção do conhecimento, assumindo também um papel formativo.

A pesquisa-ação mostra-se adequada ao objetivo deste estudo, na medida em que busca compreender e intervir na realidade escolar, contribuindo para o fortalecimento da cultura preventiva por meio da abordagem dos primeiros socorros no contexto da Educação Física escolar.

3.1 Delimitação do estudo e participantes

O estudo foi realizado em uma escola pública do Distrito Federal, o Centro de Ensino Médio 01 do Gama, localizado na região administrativa do Gama–DF. Participaram da pesquisa estudantes do 1º ano do Ensino Médio, regularmente matriculados na instituição.

A escolha da escola e das turmas ocorreu a partir da viabilidade de acesso institucional e do interesse pedagógico em desenvolver ações formativas voltadas à prevenção de acidentes e à promoção da saúde no contexto escolar. A seleção dos participantes considerou o público adolescente, por se tratar de uma faixa etária que vivencia, com frequência, situações de risco no ambiente familiar, escolar e comunitário, o que reforça a relevância da formação preventiva.

A escolha do Centro de Ensino Médio 01 do Gama como campo de pesquisa também se relaciona à trajetória formativa da pesquisadora, que foi estudante do Ensino Médio na referida instituição e vivenciou, nesse mesmo espaço escolar, a experiência da maternidade na adolescência. Essa vivência constituiu um marco significativo em sua relação com a escola pública e despertou um interesse permanente por temas relacionados ao cuidado, à preservação da vida e aos primeiros socorros. Dessa forma, a opção por essa escola não se deu apenas por critérios de acesso institucional, mas também por seu significado histórico, social e

formativo, compreendido como o início de um percurso de sensibilização para a cultura preventiva e para o compromisso com a formação humana integral.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados, conforme descrito a seguir:

3.2.1 Dinâmicas pedagógicas

O segundo instrumento consistiu em dinâmicas pedagógicas de caráter prático e formativo, desenvolvidas com os estudantes, com o objetivo de vivenciar situações simuladas de primeiros socorros. Essas dinâmicas buscaram integrar teoria e prática, promovendo a participação ativa, o diálogo e a reflexão coletiva, em consonância com os pressupostos da pesquisa-ação e da educação crítica.

3.2.2 Questionário

O primeiro instrumento consistiu em um questionário com questões abertas e fechadas, aplicado individualmente aos estudantes. O questionário abordou aspectos como: Conhecimento prévio sobre primeiros socorros, experiências anteriores com situações de emergência no ambiente escolar ou familiar e percepções sobre a importância do aprendizado de procedimentos básicos de primeiros socorros no cotidiano.

O texto introdutório do questionário teve caráter informativo e educativo, apresentando orientações iniciais sobre o tema e contextualizando os estudantes quanto aos objetivos da pesquisa.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, foi solicitada e obtida autorização da direção da escola para a realização da pesquisa no ambiente escolar. Considerando o caráter educativo e formativo da investigação, sem coleta de dados sensíveis, sem identificação dos

participantes e sem exposição individual dos estudantes, a instituição escolar avaliou que não seria necessária a autorização individual dos responsáveis legais.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos: aplicação dos questionários e realização das dinâmicas pedagógicas.

Ambos os procedimentos foram realizados em ambiente coletivo, no contexto das atividades escolares, respeitando os princípios éticos da pesquisa em educação, assegurando o anonimato dos participantes, o caráter voluntário da participação e a possibilidade de não responder às questões propostas.

3.4 Aspectos Éticos

A pesquisa respeitou os princípios éticos estabelecidos na Resolução CNS nº 510/2016, que dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. De acordo com essa resolução, pesquisas de natureza educativa, realizadas no contexto escolar, sem identificação dos participantes e sem riscos adicionais aos existentes na vida cotidiana, podem ser dispensadas da exigência de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido individual.

Dessa forma, a pesquisa foi autorizada institucionalmente pela escola e conduzida de modo a garantir o anonimato, o sigilo das informações, o respeito aos estudantes e o caráter educativo e formativo, buscando contribuir para a promoção da saúde, da segurança e do cuidado coletivo no contexto escolar.

4. EXPERIÊNCIA DE CAMPO, RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Descrição da experiência de campo

A experiência de campo foi realizada no Centro de Ensino Médio do Gama, no turno vespertino, em duas turmas do 1º ano do Ensino Médio, totalizando 56 estudantes participantes. A aplicação foi autorizada previamente pela gestão escolar e, no dia da coleta, fui recebida pela professora responsável da turma, que se mostrou receptiva e colaborativa em todo o processo. Ao entrar em sala, iniciei a atividade com uma apresentação pessoal, informando meu nome, minha condição de graduanda do curso de Educação Física da Universidade de Brasília, e apresentei o objetivo geral da pesquisa, que seria entender o que já sabem sobre primeiros socorros, como agiriam em uma situação de emergência e o interesse dos alunos por esse tema. Ressaltei que a participação era voluntária, sem qualquer prejuízo para quem optasse por não participar, e enfatizei que a colaboração dos estudantes seria fundamental para o desenvolvimento do estudo. Todos os alunos manifestaram interesse em participar, mostrando-se curiosos, especialmente pela presença dos bonecos de primeiros socorros utilizados na dinâmica.

A aplicação foi dividida em 5 fases: dinâmica dos grupos (situações hipotéticas + uso dos bonecos), aplicação do questionário individual, conclusão que cada grupo chegou, correção e demonstração da manobra correta (bebê, criança e adulto) e, por último, uma conversa reflexiva + conscientização (Lei Lucas, prevenção, exemplos, importância).

A primeira etapa foi realizada com a dinâmica em grupo, na qual os estudantes discutiram situações hipotéticas de engasgo utilizando bonecos de primeiros socorros. Na primeira sala a turma foi dividida em 4 grupos:

Grupo 1 – Engasgo em adulto: “Durante o futebol, um amigo engasga com chiclete. O que você faria?”

Grupo 2 – Engasgo em criança: “No final de semana, seu primo engasga com pipoca. O que você faria?”

Grupo 3 – Engasgo em bebê: “No shopping, um bebê engasga com leite materno. O que você faria?”

Grupo 4 – Engasgo em adulto: “Durante um piquenique no parque, uma mulher adulta se engasga com um pedaço de maçã. O que você faria?”

Os estudantes demonstraram grande envolvimento, manipulando os bonecos, debatendo entre si e elaborando estratégias, ainda que, em sua maioria, equivocadas. Essa etapa teve como objetivo estimular o raciocínio, observar conhecimentos prévios e envolver os alunos por meio de uma prática participativa.

Após o debate em grupo, apliquei o questionário de forma individual, garantindo que as respostas refletissem exclusivamente o conhecimento espontâneo dos estudantes, sem interferência da pesquisadora ou dos colegas. Expliquei que não havia respostas certas ou erradas e que o objetivo era compreender o conhecimento pessoal de cada estudante, sem a necessidade de copiar colegas. A turma permaneceu em silêncio e demonstrou seriedade durante o preenchimento. Essa etapa demandou mais tempo devido às questões discursivas.

Logo após todos terem respondido, foi convidado um representante de cada grupo para demonstrar qual foi a melhor solução que eles acharam para agir nessa situação de emergência. Durante a etapa em que os estudantes demonstraram como acreditavam que deveriam agir nas situações, foi reforçado que não havia necessidade de realizar a execução correta da manobra naquele momento. Foi destacado que o objetivo era apenas observar o conhecimento prévio e as percepções espontâneas dos alunos, sem julgamentos ou cobranças. Essa orientação foi feita para que todos se sentissem seguros e confortáveis ao participar, reduzindo o receio comum de “errar” ou de expor um conhecimento incompleto. Os estudantes foram encorajados a demonstrar livremente o que acreditavam ser a ação adequada, garantindo um ambiente acolhedor, respeitoso e propício à aprendizagem, mesmo que tímidos. As situações suscitaram dúvidas frequentes, como: “Posso colocar a mão na boca para puxar o objeto?” ou “O que fazer se a pessoa desmaiar?”.

Logo após as demonstrações, realizei a correção e demonstração da técnica adequada para cada uma das situações apresentadas. Utilizando os bonecos de primeiros socorros, expliquei de forma clara e passo a passo como deve ser feita a manobra de desengasgo em bebês, crianças e adultos.

Por fim, ocorreu a conversa reflexiva e de conscientização, abordando a importância dos primeiros socorros, situações reais do cotidiano, o papel da prevenção e a relevância da Lei Lucas. Expliquei que existe uma lei chamada Lei Lucas, que obriga escolas e creches a oferecerem treinamento básico de primeiros socorros para professores e funcionários. Essa lei surgiu depois de um caso em que um menino chamado Lucas acabou se engasgando em um passeio escolar, e

infelizmente não houve tempo de socorrê-lo. A partir disso, reforçou-se a importância da comunidade escolar saber o que fazer em situações de emergência.

Na segunda turma, que ocorreu após o intervalo, repeti o procedimento com algumas adaptações, já que havia menos estudantes presentes. Foram organizados em 3 grupos, com a mesma dinâmica da primeira turma. Nesta turma, duas alunas surdas participaram da atividade, acompanhadas da intérprete de Libras, que realizou a tradução simultânea de toda a explicação. A dinâmica transcorreu de maneira semelhante, e uma das alunas surdas demonstrou grande envolvimento.

Após a finalização das simulações e dos esclarecimentos teóricos, os questionários foram aplicados individualmente, com participação engajada de todos os estudantes. Em seguida, acompanhou-se a apresentação das conclusões dos grupos. Destaca-se a participação de uma estudante com deficiência auditiva, que se voluntariou para apresentar a solução elaborada por seu grupo, evidenciando o caráter inclusivo da atividade. A estudante realizou a apresentação por meio de recursos gestuais e demonstrações práticas, de forma clara e articulada, com apoio da intérprete, contribuindo significativamente para a compreensão coletiva do conteúdo.

No final, retomei a explicação sobre as manobras corretas, reforçando o papel da prevenção e a necessidade do conhecimento básico de primeiros socorros no contexto escolar e familiar. Encerrada a atividade, agradeci a participação de todos e entreguei a cada estudante um cartão de agradecimento, com uma mensagem motivadora sobre a importância de saber agir para salvar vidas.

A experiência de campo evidenciou alto engajamento dos estudantes, curiosidade genuína sobre o tema e percepção positiva em relação à importância da aprendizagem de primeiros socorros. Observou-se que, apesar da motivação e disposição, grande parte dos alunos desconhecia procedimentos básicos, reforçando a relevância da proposta investigativa e a necessidade de abordagens educativas preventivas nas escolas. A vivência prática demonstrou que atividades dinâmicas, participativas e contextualizadas podem potencializar o interesse e a compreensão dos estudantes sobre temas relacionados à saúde e segurança. Total: 43 minutos.

- Dinâmica em grupo: 10 min
- Questionário individual: 10 min
- Conclusão dos grupos: 7 min
- Correção e demonstração da manobra correta: 10 min

- Conversa reflexiva e conscientização: 6 min

4.2. Resultados dos questionários

Quadro – Resultados dos questionários

Nº	Pergunta	Categoria/Resposta	Frequência	%
1	Idade	15 anos	19	33,9%
		16 anos	34	60,7%
		17 anos	3	5,4%
		Total=	56	100%
2	Gênero	Masculino	31	55,4%
		Feminino	24	42,9%
		Outros	1	1,75%
		Total=	56	100%
3	Já participou	Sim	9	16,1%
	de curso de	Não	47	83,9%
	Primeiros socorros?	Total=	56	100%
4	Convivência	Tem irmão	31	55,4%
	Com	Convive com crianças	18	32,1%
	Crianças	Não convive	7	12,5%
		Total=	56	100%
5	Já presenciou	Sim	9	16,1%
	Acidente que	Não	47	83,9%
	Poderia ser evitado?	Total=	56	100%
6	Considera importante	Sim	56	100%
	Aprender primeiros	Não	0	0
	socorros?	Total=	56	100%
7		Nervosismo/desespero	22	39,3%
	Maior dificuldade	Falta de preparo técnico	16	28,6%
	em agir	Medo/choque	10	17,9%
		Se sente preparado	8	14,2%
		Total=	56	100%
8	Sabe agir	Sim	14	25%
	em caso de	Acho que sim	30	53,6%
	Engasgo	Não	12	21,4%
		Total=	56	100%
9	Sabe agir	Sim	25	44,6%
	em caso de	Acho que sim	20	35,7%
	cortes/sangramento?	Não	11	19,7%
		Total=	65	100%
10	Sabe agir em	Sim	15	26,8%
	caso de	Acho que sim	25	44,6%
	queimaduras leves?	Não	16	28,6
		Total=	56	100%
11		Escola	8	14,3%
		Internet	15	26,8%
	Onde aprendeu	Bombeiro mirim	5	8,9%
	primeiros socorros?	Outros	9	16,1%

		Não tenho conhecimento	19	33,9%
		Total=	56	100%
12	Já presenciou	Sim	21	37,5
	acidente com	Não	35	62,5%
	colegas/familiares?	Total=	56	100%
13		Sim, de forma adequada	7	12,5%
	Conseguiu ajudar?	Tentou ajudar, mas não sabia	13	23,2%
		Não conseguiu ajudar	6	10,7%
		Não se aplica	30	53,6%
		Total=	56	100%
14		Muito importante	42	75%
	Importância de	Importante	14	25%
	aprender primeiros	Pouco importante	0	0%
	socorros na escola	Não é importante	0	0%
		Total=	56	100%
15	Se sentiria mais seguro	Sim	52	92,9%
	com conhecimento?	Não	4	7,1%
		Total=	56	100%
16	Sabe a diferença	Sim	18	32,1%
	entre evitar acidentes	Parcialmente	22	39,3%
	e ajudar depois?	Não	16	28,6%
		Total=	56	100%
17	Tem interesse em	Sim	50	89,3%
	Aprender primeiros socorros?	Não	6	10,7%
		Total=	56	100%
18	Participaria de curso	Sim	21	37,5%
	prático se fosse	Talvez	27	48,2%
	oferecido?	Não	8	14,3%
		Total=	56	100%

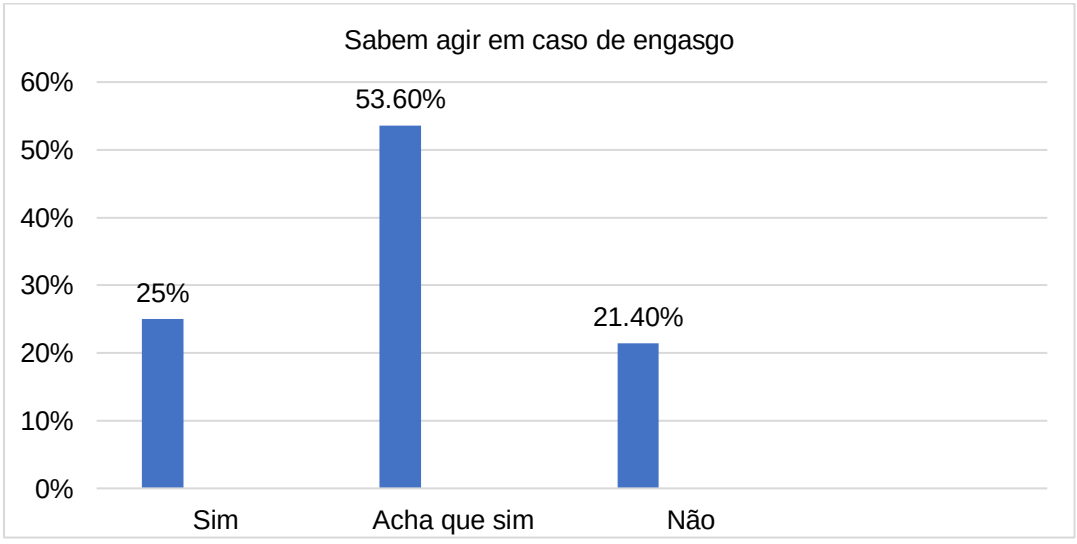
Fonte: Elaboração Própria, 2025

4.3 Análise dos dados

A análise dos resultados obtidos a partir da aplicação dos 56 questionários permite compreender de forma consistente o nível de conhecimento dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio sobre primeiros socorros, bem como suas percepções acerca da importância do tema no contexto escolar. Os achados evidenciam um cenário que dialoga diretamente com os estudos apresentados na fundamentação teórica e reforçam a relevância da Educação Física como espaço potencial na formação preventiva.

Inicialmente, observou-se que 83,9% dos estudantes nunca participaram de cursos de primeiros socorros, o que demonstra uma lacuna significativa na formação básica desses jovens. Esse dado é coerente com a literatura, já que Maciel et al. (2021) apontam que a ausência de formação prévia compromete a capacidade dos alunos de agir de maneira rápida e segura em situações de emergência. A falta de treinamento se reflete diretamente no fato de que 53,6% apenas “acham que sabem agir” em casos de engasgo**,** enquanto 21,4% declararam não saber como proceder**,** evidenciando insegurança e conhecimento limitado. Como afirmam Mesquita et al. (2017), a ausência de vivências práticas dificulta a consolidação de procedimentos básicos, o que se confirmou durante as dinâmicas realizadas em campo. Esses dados podem ser melhor visualizados no Gráfico 1, apresentado a seguir.

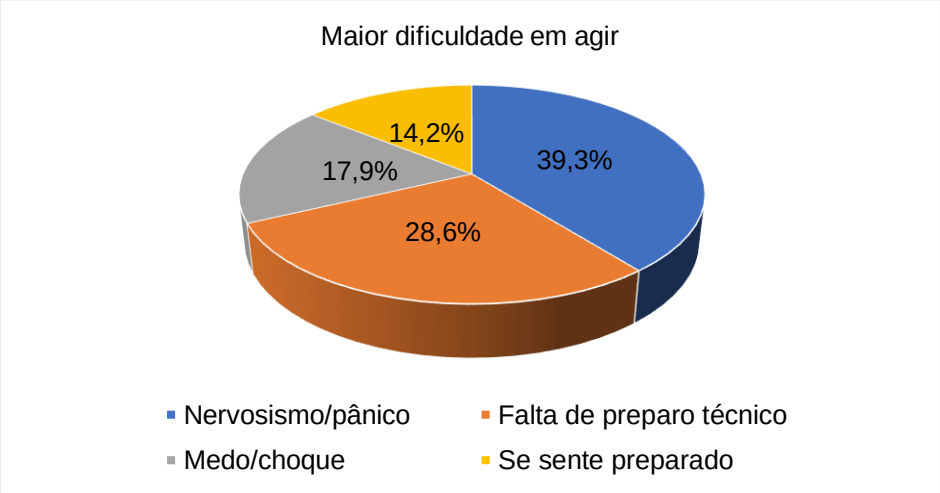
Gráfico – 1, Você sabe como agir se alguém se engasgar?



Fonte: Elaboração Própria, 2025

Outro aspecto relevante diz respeito às percepções e atitudes diante de situações emergenciais. Os resultados mostram que o nervosismo/pânico (39,3%) e a falta de preparo técnico (28,6%) foram apontados como as maiores dificuldades para agir corretamente. Esses achados corroboram o entendimento de Gaum, Bracht e Almeida (2017), para que a formação escolar deve promover autonomia e competências que ultrapassem o domínio técnico, possibilitando que o estudante enfrente desafios reais com maior segurança emocional e cognitiva. Assim, os dados demonstram que, além do conhecimento técnico, há necessidade de desenvolver atitudes e habilidades socioemocionais relacionadas à gestão de crises. A distribuição das respostas está sintetizada no Gráfico 2, logo abaixo.

Gráfico – 2, Qual é a maior dificuldade que você acha que teria para agir em uma situação de emergência?



Fonte: Elaboração Própria, 2025

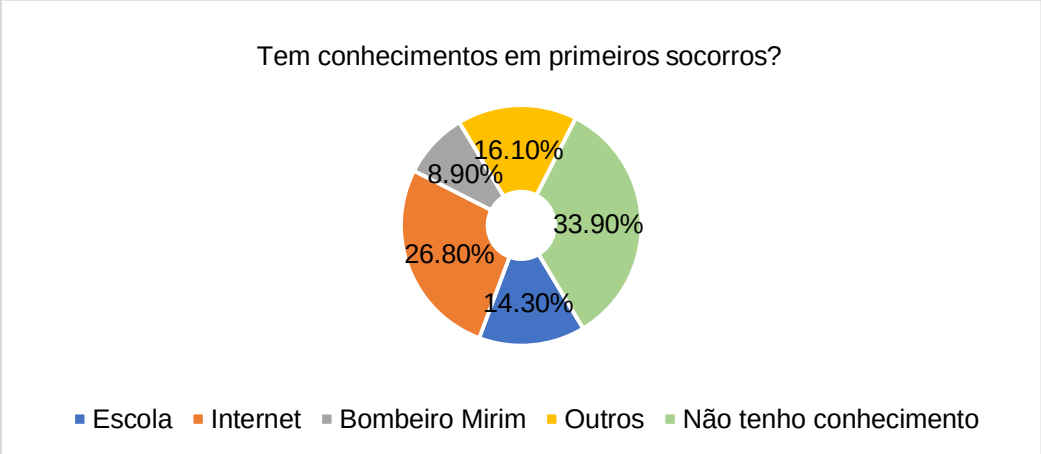
No que se refere à importância atribuída ao aprendizado de primeiros socorros, os resultados mostram-se expressivos: 100% dos estudantes consideram importante aprender o tema, e 92,9% afirmam que se sentiriam mais seguros caso recebessem formação adequada. Esses dados evidenciam que o ensino de primeiros socorros contribui para a formação integral dos estudantes, ao articular conhecimentos escolares com situações concretas da vida cotidiana, conforme defendido por Bracht (1997;1999). O interesse demonstrado pelos estudantes, dos quais 89,3% manifestaram desejo de aprender mais sobre primeiros socorros, indica que o

conteúdo possui significado prático e relevância imediata, corroborando as reflexões de Lorenz e Tibeau (2003), ao afirmarem que conteúdos socialmente úteis e aplicáveis ao cotidiano favorecem maior engajamento e motivação no processo de aprendizagem.

A experiência de campo realizada confirma a literatura ao demonstrar que atividades práticas são fundamentais para consolidar o aprendizado. De acordo com Mesquita et al. (2017), recursos lúdicos e simulações aumentam o interesse e facilitam a compreensão dos alunos. Durante as dinâmicas com bonecos, os estudantes se mostraram altamente engajados, ainda que suas ações iniciais apresentassem equívocos. Esse comportamento reforça o que apontam Maciel et al. (2021): o ensino teórico-prático potencializa a aprendizagem significativa e prepara o estudante para lidar com situações reais de maneira mais eficaz.

Os resultados também dialogam com a Lei Lucas (Lei nº 13.722/2018), que tornou obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros para professores e funcionários das instituições de ensino. É importante destacar que a legislação não obriga o ensino direto aos estudantes**,** mas reforça a necessidade de construir uma cultura de prevenção dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, o fato de 85,7% dos estudantes afirmarem nunca ter tido contato com primeiros socorros na escola evidencia não uma falha no cumprimento da lei em relação aos alunos, mas sim uma lacuna na integração do tema às práticas educativas dirigidas à comunidade escolar como um todo**.** Para ilustrar esses achados, apresenta-se o Gráfico 3.

Gráfico – 3, Caso você tenha conhecimento sobre primeiros socorros, onde você aprendeu?



Fonte: Elaboração Própria, 2025

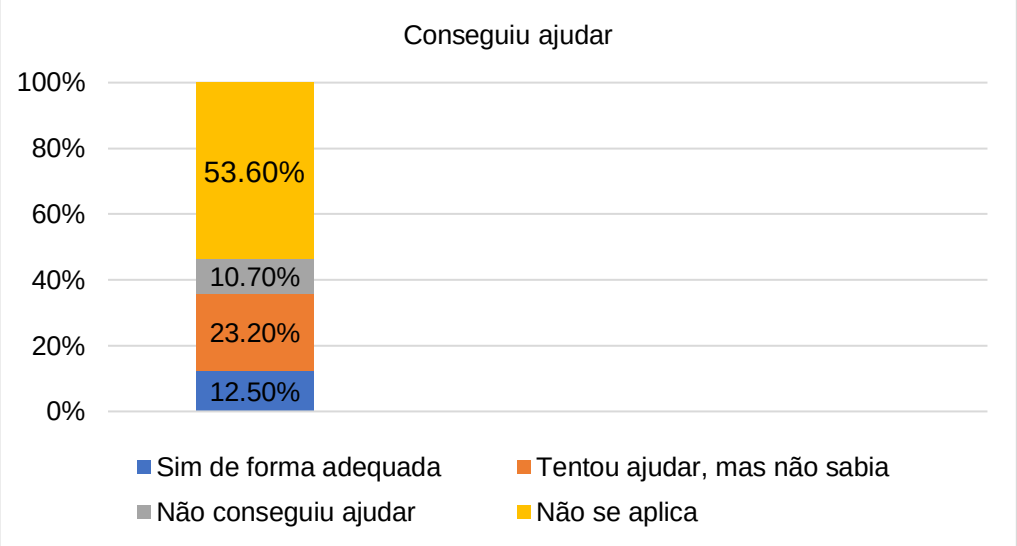
A lacuna identificada entre o conhecimento apresentado pelos discentes e a necessidade de capacitação em primeiros socorros pode ser compreendida a partir da organização curricular da formação inicial dos discentes da graduação em Educação Física, enquanto futuros docentes. No âmbito da Universidade de Brasília, os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) da graduação em Educação Física evidenciam uma mudança significativa ao retirarem a disciplina de Primeiros Socorros do núcleo obrigatório, passando a ofertá-la como componente optativo.

Essa configuração curricular possibilita que esses discentes, em processo de formação docente, concluam o curso sem uma preparação sistematizada nesse conteúdo, o que tende a repercutir diretamente em sua atuação profissional no contexto escolar. Tal realidade dialoga com os resultados desta pesquisa, nos quais a maioria dos discentes da educação básica relatou nunca ter tido contato com conteúdos de primeiros socorros no ambiente escolar, indicando que a ausência desse tema na formação inicial do professor tende a reproduzir-se na formação discente. Sob a perspectiva do currículo como espaço de disputas e escolhas pedagógicas. De acordo com Mayara Fa (2011), ao analisar a obra de Arroyo, o currículo é compreendido como um território de disputas, observa-se que a não obrigatoriedade desse componente fragiliza a construção de uma cultura preventiva na escola, ao restringir o acesso a conhecimentos fundamentais relacionados à segurança, à prevenção de acidentes e ao cuidado com a vida.

Ao relacionar os resultados desta pesquisa com os dados nacionais divulgados pelo Correio Braziliense (2025), percebe-se que a gravidade dos acidentes relatados pelos estudantes dialoga diretamente com o cenário brasileiro. Em 2024, 456 crianças e adolescentes morreram em acidentes domésticos, sendo o engasgo e outras formas de obstrução respiratória responsáveis por 213 desses óbitos. No contexto da escola pesquisada, 37,5% dos alunos afirmaram já ter presenciado algum tipo de acidente, e a maioria dos relatos envolve episódios de engasgo vivenciados por irmãos, primos ou até mesmo pelos próprios estudantes. Entre esses casos, embora muitos tenham tentado prestar algum tipo de auxílio, apenas 12,5% conseguiram agir de forma adequada, o que evidencia uma lacuna importante entre intenção e capacidade técnica. Essa aproximação entre a realidade local e os dados nacionais reforça a necessidade urgente de inserir o ensino sistemático de primeiros socorros no ambiente escolar. Assim, o trabalho do professor de Educação Física torna-se essencial para orientar práticas preventivas e desenvolver a autonomia dos jovens

diante de situações de emergência. A visualização desses dados pode ser observada no Gráfico 4, disposto abaixo.

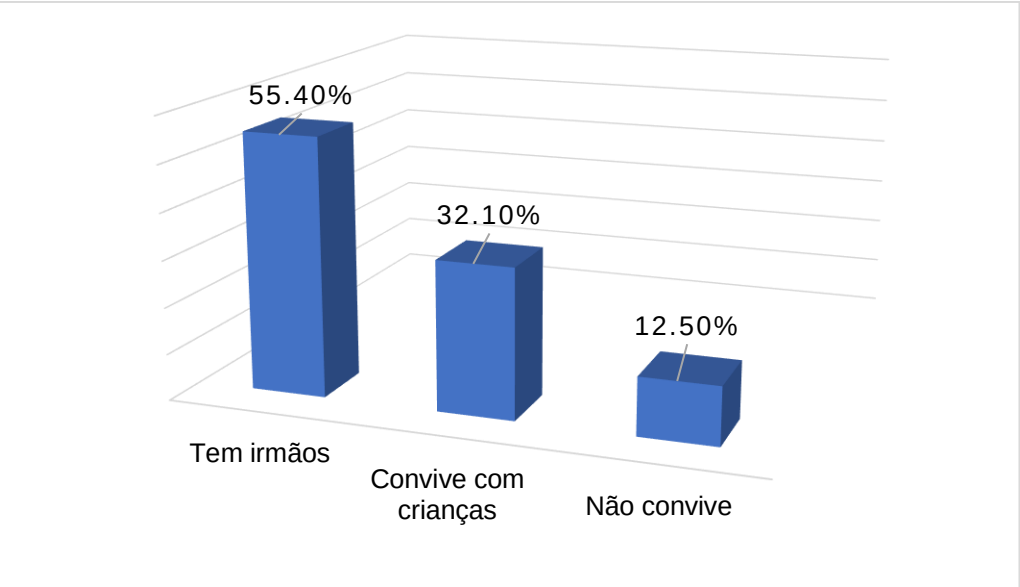
Gráfico – 4, Você já presenciou algum acidente envolvendo colegas, familiares ou amigos? Caso sim, conseguiu prestar ajuda de alguma forma?



Fonte: Elaboração Própria, 2025

Além disso, episódios reais reforçam a relevância do tema. Um caso divulgado pelo G1 (2020), no qual um menino de 10 anos conseguiu salvar o irmão recém-nascido ao aplicar manobras básicas de desobstrução das vias aéreas evidencia que o conhecimento de primeiros socorros pode ser determinante para a sobrevivência, inclusive quando mobilizado por crianças e adolescentes. O levantamento mostra que 32,1% dos estudantes convivem regularmente com crianças pequenas e 55,4% têm irmãos, o que reforça a importância do tema de primeiros socorros no contexto familiar e escolar. Esse dado é relevante porque amplia a possibilidade de ocorrência de acidentes domésticos, especialmente episódios de engasgo, já mencionados anteriormente. Essas informações estão representadas no Gráfico 5, apresentado a seguir.

Gráfico – 5, Você tem irmãos ou convive regularmente com crianças (próximos de casa, amigos ou familiares)?



Fonte: Elaboração Própria, 2025

Assim, os resultados aqui analisados ampliam o entendimento sobre como o tema se manifesta na prática escolar e revelam que o ensino de primeiros socorros, quando articulado à Educação Física e às vivências concretas dos estudantes, pode gerar aprendizados mais sólidos e coerentes com as necessidades reais da comunidade estudantil.

5. CONCLUSÃO

A realização deste estudo permitiu compreender de forma mais amplificada e com mais profundidade, como adolescentes do ensino médio percebem, valorizam e se relacionam com o aprendizado de primeiros socorros. Ao longo da investigação, tornou-se evidente que o tema possui grande relevância para os estudantes, refletida no fato de que 100% dos participantes reconheceram a importância do conhecimento em primeiros socorros e defenderam que esse conteúdo deveria ser ensinado na escola. Além disso, mais de 90% afirmaram considerar essencial ter essa formação ainda no espaço escolar, reforçando que o ambiente educacional é compreendido pelos próprios jovens como o local adequado para adquirir habilidades que poderão utilizar no cotidiano, em casa, com amigos ou em situações inesperadas.

Contudo, apesar desse forte reconhecimento da importância, emergiram contrastes importantes entre discurso e prática. Durante a intervenção, os estudantes demonstraram elevado entusiasmo, curiosidade e participação ativa nas atividades práticas. O uso dos bonecos, a simulação das manobras e as dinâmicas coletivas mobilizaram os estudantes de forma intensa, gerando um ambiente de envolvimento genuíno, sem dispersão e com grande desejo de experimentar, tocar, testar hipóteses e aprender. Essa motivação sugere que práticas pedagógicas concretas, interativas e vivenciais possuem alto potencial de engajamento, especialmente para esse público adolescente.

Ao mesmo tempo, esse engajamento não se repetiu com a mesma intensidade na coleta teórica do estudo. Embora a maioria dos estudantes tenha respondido às questões discursivas, foi possível notar que algumas respostas foram curtas, pouco elaboradas ou, em poucos casos, deixadas em branco. Não se trata de um desinteresse generalizado, mas sim de uma dificuldade ou resistência envolvendo leitura mais longa, escrita reflexiva e justificativa argumentativa, elementos que exigem atenção e esforço cognitivo. Esse contraste entre prática e teoria indicou que, mesmo estudantes que demonstraram entusiasmo excepcional durante a simulação, apresentaram respostas mais superficiais no questionário.

Isso reforça que o aprendizado se torna mais significativo quando teoria e prática são articuladas, pois metodologias ativas despertam engajamento, mas o conhecimento teórico continua sendo indispensável para ampliar a escolarização, garantir acesso à universidade e preparar os jovens para novos postos de trabalho.

Nesse sentido, cabe à escola, e especialmente à escola pública, assegurar que ler e escrever permaneçam como fundamentos da formação, ao mesmo tempo em que promove experiências práticas que aproximem os estudantes da realidade concreta.

Outro ponto que emergiu com força foi o fenômeno da “ilusão de competência”. Antes de responderem ao questionário, muitos estudantes discutiram entre si sobre como agir em casos de acidente, especialmente no desengasgo. Essa troca, embora rica, levou alguns a acreditar que sabiam realizar a manobra. Isso se refletiu no questionário, no qual vários marcaram “sim” ou “acho que sim”. Entretanto, durante a demonstração prática, nenhum dos grupos executou o procedimento corretamente. Essa discrepância revela uma superestimação da própria habilidade quando não há referência técnica, prática supervisionada ou conhecimento formal. Em outras palavras, a simples discussão coletiva gerou uma percepção equivocada de segurança, evidenciando a urgência de atividades práticas com instrução adequada e feedback imediato.

A fala de muitos estudantes sobre “falta de tempo” ao serem questionados se participariam de um curso de primeiros socorros também merece análise. Embora essa justificativa tenha sido a mais citada entre aqueles que responderam “talvez”, é importante refletir criticamente sobre seu significado. Em muitos casos, a falta de tempo pode representar mais uma dificuldade de priorização ou organização pessoal do que uma indisponibilidade real. Adolescentes vivenciam rotinas marcadas por escola, atividades domésticas, uso intenso de tecnologia e múltiplas demandas emocionais. Porém, a hesitação em participar de um curso, mesmo reconhecendo sua enorme importância, pode indicar também um certo distanciamento entre compreender o valor de um conhecimento e se comprometer ativamente com ele. Essa percepção reforça ainda mais o papel essencial da escola como local onde a formação acontece independentemente das limitações individuais do tempo, garantindo que o aluno tenha acesso ao aprendizado de primeiros socorros sem depender exclusivamente de iniciativas extracurriculares.

Outro aspecto relevante foi a mudança da minha própria percepção como pesquisadora e futura professora. Experiências anteriores na mesma escola, durante meu estágio, revelaram alunos pouco motivados nas aulas tradicionais de Educação Física. No entanto, ao oferecer uma prática inovadora, contextualizada e significativa, encontrei uma turma envolvida, participativa e aberta ao aprendizado. Essa experiência não apenas confirmou o potencial transformador de metodologias

diferenciadas, como também reforçou que o desinteresse estudantil muitas vezes não é definitivo, mas reflexo de práticas pedagógicas pouco atrativas. Quando o conteúdo faz sentido, quando o aluno pode vivenciar, tocar, testar e compreender sua aplicação na vida real, o engajamento surge de forma espontânea.

Dessa forma, esta pesquisa aponta para a necessidade de que a formação em primeiros socorros seja contínua, sistematizada e integrada ao currículo escolar. Ensinar primeiros socorros apenas de forma pontual, teórica ou descontextualizada pode não ser suficiente para que o aluno desenvolva competências reais para agir em situações de emergência. É necessário unir teoria e prática, criando experiências que promovam participação, reflexão, correção de erros, reforço positivo e aplicação concreta. Além disso, os resultados mostram que os estudantes desejam aprender, reconhecem a importância, consideram relevante para sua vida pessoal e familiar, e se sentem mais seguros quando compreendem como agir. O desafio, portanto, não está na falta de interesse, mas em como tornar o processo de aprendizagem significativo.

Outro ponto que merece destaque nesta conclusão é a mudança curricular recente da Universidade de Brasília (UnB), que retirou a disciplina de Primeiros Socorros do núcleo obrigatório da graduação em Educação Física, passando a oferecê-la apenas como componente optativo. Essa alteração, embora possa atender a ajustes estruturais do curso, traz impactos significativos para a formação profissional, especialmente quando analisada à luz dos resultados encontrados nesta pesquisa.

No contexto escolar, o professor de Educação Física frequentemente assume a responsabilidade inicial de avaliação e resposta a acidentes e intercorrências ocorridos durante as aulas, em função de sua proximidade com os estudantes e da natureza das atividades desenvolvidas Lafuente; González Raboso; González-Raboso, (2022). Pesquisas realizadas com docentes de Educação Física também indicam que, embora muitos possuam conhecimento básico sobre primeiros socorros, há necessidade de maior qualificação para garantir resposta adequada em situações emergenciais Moreira de Sousa; Rizzo; Barbosa Domingos, (2020). Esses achados reforçam a importância de que a formação inicial e continuada contemple conhecimentos e práticas de primeiros socorros, pois, na prática escolar, esse profissional é frequentemente acionado para intervir em eventos que envolvem risco à integridade física dos estudantes.

Estudos sobre o contexto social brasileiro demonstram que muitos adolescentes, especialmente em famílias de baixa renda, assumem informalmente o papel de cuidadores de irmãos menores, acumulando responsabilidades domésticas, supervisão e cuidado infantil. De acordo com Dellazzana e Freitas (2010), a rotina de jovens entre 12 e 16 anos é caracterizada por cuidado pessoal, cuidado dos irmãos, tarefas domésticas, escolares e de lazer, revelando que tais adolescentes já vivem a realidade de responsabilidade precoce.

Essa realidade dialoga diretamente com os dados coletados neste trabalho: cerca de 87,5% dos participantes afirmaram conviver com crianças ou ter irmãos pequenos, o que os posiciona como potenciais cuidadores em suas casas. Dentre os acidentes relatados, o engasgo foi o mais citado, um tipo de emergência que demanda intervenção imediata e técnica correta. Essa sobreposição, convivência constante com crianças vulneráveis, vivências prévias de acidentes, falta de preparo, revela uma vulnerabilidade social concreta: estes adolescentes estão, muitas vezes, na linha de frente de cuidados domésticos sem ter formação para agir em situações de risco. Portanto, a inserção de um ensino sistemático de primeiros socorros na escola não se apresenta como opcional, mas como uma medida urgente de prevenção, proteção familiar e responsabilidade social, contribuindo para que esses jovens, que já exercem papéis de cuidado em suas casas, possam atuar de maneira segura e eficaz quando necessário.

Este estudo reforça a relevância da educação preventiva no ambiente escolar e destaca que os jovens estão receptivos, curiosos e motivados quando têm acesso a práticas pedagógicas vivas e interativas. Também evidencia lacunas no conhecimento real dos estudantes, lacunas que podem ser reduzidas por meio de formação continuada, projetos interdisciplinares e políticas educacionais que valorizem a prevenção e a segurança. Ensinar primeiros socorros é não apenas uma exigência legal e pedagógica, mas uma ação de cuidado coletivo, capaz de salvar vidas e formar cidadãos mais preparados, conscientes e responsáveis diante das emergências do cotidiano.

Diante dos resultados, conclui-se que o professor de Educação Física pode contribuir de forma significativa para a formação dos estudantes em primeiros socorros ao adotar metodologias práticas, interativas e contextualizadas, que promovem engajamento e autonomia. Sua atuação como mediador do conhecimento, aliada a uma formação sólida e continuada, torna-se essencial para transformar o

ambiente escolar em espaço de prevenção de acidentes e preparação para situações de emergência.

6. PROPOSTA PEDAGÓGICA INTEGRADA

Formação preventiva e interdisciplinar no Ensino Médio

6.1 Inserção curricular periódica

O ensino de primeiros socorros deve ser trabalhado em diferentes momentos ao longo do ano letivo, integrado às aulas de Educação Física. Nessas ocasiões, os estudantes vivenciam práticas concretas (simulações, dramatizações, uso de materiais específicos) e discutem aspectos teóricos relacionados à prevenção de acidentes e à autonomia em situações de emergência. Essa abordagem recorrente garante que o conhecimento não se restrinja a um único contato, mas seja consolidado de forma contínua.

6.2 Evento anual de saúde e prevenção

Sugere-se a realização de um evento anual voltado para a saúde e segurança, envolvendo professores de diferentes áreas e toda a comunidade escolar. A interdisciplinaridade é central nessa proposta, pois cada área contribui de forma complementar. Educação Física: práticas corporais, simulações e protagonismo dos estudantes, Biologia: compreensão do corpo humano e dos sistemas vitais, Química: estudo de substâncias e reações ligadas a acidentes e cuidados básicos, Ciências Sociais e Matemática (sugestão de ampliação): reflexão sobre desigualdades sociais e estatísticas de acidentes, fortalecendo a análise crítica e quantitativa.

Nesse evento, os estudantes assumem o papel de protagonistas, produzindo conteúdos e atividades como, simulações de primeiros socorros, oficinas de conscientização sobre prevenção de acidentes, campanhas educativas elaboradas pelos próprios alunos, dinâmicas interdisciplinares que conectem teoria e prática.

6.2.1 Resultados esperados

Formação integral dos estudantes, com maior autonomia e preparo para emergências, engajamento estudantil por meio da autoria de conteúdos e protagonismo nas ações, fortalecimento da interdisciplinaridade e da cultura de

prevenção na escola e ampliação do impacto social, ao envolver famílias e comunidade no evento anual.

6.2.2 Considerações finais da proposta

Portanto, este estudo evidencia que o ensino de primeiros socorros, articulado às práticas da Educação Física e às demais áreas do conhecimento, contribui não apenas para a formação preventiva dos estudantes, mas também para a construção de uma cultura de cuidado coletivo. A proposta apresentada busca inspirar escolas a integrarem teoria e prática de forma contínua, sem pretensão de exclusividade, mas como um caminho possível para fortalecer a autonomia dos jovens e ampliar a segurança no ambiente escolar e familiar.

7. REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016. Disponível em: https://fmclimaticas.org.br/wp-content/uploads/2020/10/O-BEM-VIVER-Alberto-Acosta.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRACHT, Valter. Pedagogia crítica da Educação Física: desafios da educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377–397, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mov/a/8jJfkvs48Z9S5rGgxJMx43s/. Acesso em: 09 dez. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei que obriga escolas a terem curso de primeiros socorros é sancionada. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/545634-lei-que-obriga-escolas-a-terem-curso-de-primeiros-socorros-e-sancionada. Acesso em: 09 dez. 2025.

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Art. 135 – Omissão de socorro. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10619605/artigo-135-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940. Acesso em: 09 dez. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: CNS, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf. Acesso em: 09 dez. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13722.htm. Acesso em: 09 dez. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. Acidentes domésticos mataram 456 crianças e adolescentes em 2024: veja como prevenir. Brasília, 2025. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2025/02/7055999-acidentes-domesticos-mataram-456-criancas-e-adolescentes-em-2024-veja-como-prevenir.html. Acesso em: 09 dez. 2025.

DE AZEVEDO, V. M. C. A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista. *Revista Cocar*, Belém, 2021. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4801. Acesso em: 20 dez. 2025.

DELLAZZANA, Letícia Lovato; Freitas, Lia Beatriz**.** Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 4, 2010. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17484/16767. Acesso em: 09 dez. 2025.

DEL VECCHIO, Fabricio Boscolo; SEUS, Thamires Lorenzet; DEL VECCHIO, Anelita Helena Michelini; SILVA, Marcelo Cozzensa da. Frequência de lesões desportivas em aulas de educação física do ensino fundamental em Campinas/SP: estudo observacional retrospectivo. *Conexões*, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 1–11, 2017. DOI: 10.20396/conex.v15i1.8646003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646003. Acesso em: 09 dez. 2025.

FA, Mayara. Resenha do livro *Currículo, território em disputa*, de Miguel G. Arroyo. *Dialogia*, São Paulo, n. 15, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Maria%20Luisa/Downloads/mayarafa,+DialogiaN15_5b3949%20(1).pdf. Acesso em: 23 dez. 2025.

G1. Menino de 10 anos salva irmão recém-nascido engasgado com leite: “Fiz o que era pra fazer”. Por Maria Eduarda Ely; Nádia Strate. RBS TV, 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/01/menino-de-10-anos-salva-irmao-recem-nascido-engasgado-com-leite-em-erechim-fiz-o-que-era-pra-fazer.ghtml. Acesso em: 09 dez. 2025.

JUSBRASIL. Lei Lucas: um apelo pela vida e um alerta aos pais e toda a comunidade escolar. Ano não informado. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/lei-lucas-um-apelo-pela-vida-e-um-alerta-aos-pais-e-toda-a-comunidade-escolar/123456. Acesso em: 09 dez. 2025.

LAFUENTE, J. C.; González Raboso, J.; González-Raboso, A. Physical Education teachers and emergency services: training in prevention and key first aid to improve the use of emergencies. *Human Review*, v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: https://eaapublishing.org/journals/index.php/humanrev/article/view/1211. Acesso em: 22 dez. 2025.

LORENZ, Camila F.; Tibeau, Cynthia**.** Educação física no ensino médio: estudo exploratório sobre os conteúdos teóricos. *EFDeportes.com – Revista Digital*, Buenos Aires, n. 66, 2003. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd66/medio.htm?utm_source. Acesso em: 09 dez. 2025.

MACIEL, Rute Helly da Costa; Miranda, Allana Petrúcia Medeiros de; Carvalho, Isadora Caroline Pereira Sena de; Avelar, Júlio Rodrigues de; Barbosa, Letícia Moura Ribeiro; Albuquerque, Adriana Montenegro de. Primeiros socorros em ambiente escolar: uma revisão integrativa. *Educação, Ciência e Saúde*, v. 8, n. 1, p. 63-77, jan./jun. 2021. doi: 10.20438/ecs.v8i1.369. Disponível em:https://periodicos.ces.ufcg.edu.br/periodicos/index.php/99cienciaeducacaosaude25/article/view/369/pdf_125. Acesso em: 09 dez. 2025.

MOREIRA de Souza, A. P.; Rizzo, D. T. De S.; Barbosa Domingos, G. Conhecimento do professor de educação física sobre primeiros socorros no ambiente escolar. *Itinerarius Reflectionis*, v. 16, n. 3, p. 1–22, 2020. Disponível em: https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/58382. Acesso em: 22 dez. 2025.

SOARES, Carmen Lúcia; Taffarel, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; Castellani Filho. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: https://cev.org.br/biblioteca/metodologia-ensino-educacao-fisica/?utm_source. Acesso em: 20 dez. 2025

APÊNDICE A – Questionário aplicado

Prevenção em Primeiros Socorros

Você já parou para pensar que muitos acidentes poderiam ser evitados com pequenos cuidados no dia a dia? A prevenção é a primeira etapa dos primeiros socorros. Isso significa identificar situações de risco, agir de forma segura e tomar medidas simples para evitar acidentes em casa, na escola ou com amigos.

Aprender sobre prevenção não é só saber como ajudar depois que algo acontece, é também aprender a evitar que acidentes aconteçam. Por exemplo, organizar objetos que podem cair, guardar produtos de limpeza fora do alcance, usar equipamentos de proteção e prestar atenção nos sinais de perigo são atitudes simples que podem salvar vidas.

Neste questionário, vamos explorar o que você sabe e faz para prevenir acidentes, ajudando a tornar o seu dia a dia e o das pessoas ao seu redor mais seguro.



Parte 1 – Dados do participante

1. Idade: ____

2. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

3. Você já participou de alguma atividade ou curso de primeiros socorros?

( ) Sim ( ) Não

4. Você tem irmãos ou convive regularmente com crianças (próximos de casa, amigos ou familiares)?

( ) Sim, tenho irmãos

( ) Sim, convivo com crianças (próximos, primos, vizinhos, etc.)

( ) Não

Parte 2 – Experiências, opiniões e conhecimento básico em primeiros socorros

5. Você já presenciou algum acidente em casa, escola ou com amigos que poderia ter sido evitado com conhecimento de primeiros socorros? Com que frequência? Se sim, descreva.

_____
_____

6. Você considera importante que as pessoas aprendam sobre primeiros socorros? Se sim, por quê?

_____
_____

7. Qual é a maior dificuldade que você acha que teria para agir em uma situação de emergência? Se sente preparado para agir?

_____
_____

8. Você sabe como agir se alguém se engasgar?

( ) Sim ( ) Acho que sim ( ) Não

9. Você sabe como agir em caso de cortes ou sangramentos?

( ) Sim ( ) Acho que sim ( ) Não

10. Você sabe como agir em caso de queimaduras leves?

( ) Sim ( ) Acho que sim ( ) Não

11. Caso você tenha conhecimento sobre primeiros socorros, onde você aprendeu?

( ) Escola ( ) Internet ( ) Bombeiro mirim ( ) Não tenho conhecimento

( ) Outros: _____

Experiência com acidentes

12. Você já presenciou algum acidente envolvendo colegas, familiares ou amigos?

( ) Sim ( ) Não

13. Se sim, você conseguiu ajudar de alguma forma?

( ) Sim, de forma adequada

( ) Tentei ajudar, mas não sabia exatamente como

( ) Não consegui ajudar

( ) Não se aplica

Percepção sobre a importância do aprendizado

14. Você considera importante aprender primeiros socorros na escola?

( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Não é importante

15. Você se sentiria mais seguro(a) se tivesse conhecimento em primeiros socorros?

( ) Sim ( ) Não

16. Você sabe a diferença entre **evitar que acidentes aconteçam** e **ajudar alguém depois que um acidente acontece**?

( ) Sim ( ) Parcialmente ( ) Não

Se sim ou parcialmente, explique com suas palavras:

_____
_____

17. Tem interesse em aprender primeiros socorros?

( ) Sim ( ) Não

18. Se fosse oferecido um curso ou atividade prática sobre primeiros socorros, você participaria?
( ) Sim ( ) Talvez ( ) Não

Se sim ou talvez, explique o que te motivaria a participar:

_____
_____

APÊNDICE B – Registro fotográfico dos bonecos em sala



APÊNDICE C – Panfleto de conscientização

